

# Utopias e distopias no campo lingüístico: as concepções e as teorias sobre as afasias

Edwiges Morato

*Universidade Estadual de Campinas*

*U-TOPOS - Centro de Estudos sobre Utopia (Brasil)*

## Resumo

Se pensarmos na maneira radical com que os fenômenos da práxis lingüística se colocam como entraves para as utopias lingüísticas clássicas e atuais (como as teses em torno do referencialismo, da competência lingüística inata, da literalidade, da língua primitiva e universal, dos dialetos perfeitos, das línguas fabricadas para uma comunicação eficaz - como o esperanto -, da tradução automática, dos artefatos computacionais criados para síntese de fala ou linguagem artificial, etc.), poderíamos pensar neles como elementos distópicos, ou já seriam eles, em si mesmos, verdadeiras (anti)utopias? Em que medida essa reflexão dialoga com outra, que afirma que uma língua será sempre uma utopia (cf. Marrone, 2004)? Entre o mundo ideal da linguagem adâmica (perfeita, derivada de uma lógica apriorística que nela encontra lugar) e o mundo ideal da linguagem possível (imperfeita, dotada de uma lógica derivada do uso efetivo da língua) trafegam, ambivalentes, as formulações lingüísticas utópicas, entre elas, aquelas atinentes às afasias, foco de nossa reflexão nesta comunicação.

## Palavras-Chave

Utopia, lingüística, afasia.

*Edwiges Morato* é professora do Departamento de Lingüística da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Desde 1996 atua na graduação e na pós-graduação, especialmente na área de Neurolingüística. É pesquisadora do CNPq e da FAPESP. Tem graduação em Lingüística, pela Universidade Estadual de Campinas, e em Fonoaudiologia, pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Fez seu mestrado (1991) e seu doutorado (1995) em Lingüística, na Universidade Estadual de Campinas, tendo realizado um doutorado-sanduíche na Université de Sorbonne-Nouvelle, Paris III (França), entre 1994 e 1995, sob orientação do Prof. Laurent Danon-Boileau. Fez dois estágios de pós-doutorado no Exterior: o primeiro, entre 2001 e 2002, na Universidade Val-de-Marne, Paris XII (França), sendo recebida pelo Prof. Dominique Maingueneau; o segundo, em 2007, na Universidade de Lyon 2 (França), sendo recebida pela Profa Lorenza Mondada. Em 1986, na Faculdade de Educação da UNICAMP, fez um Curso de Especialização (*lato sensu*) na área da Educação Especial, coordenado pelas Profas Gilberta Jannuzzi e Ana Luíza Bustamante Smolka. É líder do Grupo de Pesquisa *Cognição, Interação e Significação* desde 2000. É co-responsável pelo *Centro de Convivência de Afásicos* (CCA), espaço de pesquisa e assistência a pessoas afásicas ligado ao *Laboratório de Neurolingüística* desde 1998. Foi, entre 1996 e 1999, Coordenadora de Extensão e Atividades Científicas e, entre 1999 e 2001, Coordenadora Geral de Pós-graduação do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp. Coordenou o Grupo de Trabalho *Lingüística e Cognição*, da *Associação Nacional de Pós-graduação em Letras e Lingüística* (ANPOLL) no biênio 2004-2006, e foi secretária da *Diretoria da Sociedade Nacional de Neuropsicologia* (SBNp) no biênio de 1994-1995. Tem experiência na área de Lingüística, com ênfase nos estudos que envolvem as relações entre linguagem e cognição, atuando principalmente com os seguintes temas: afasia, memória, neurodegenerescência, significação, interação, referência, metalinguagem, metaforicidade.

Fronte à pertinência da linguagem relativamente ao problema da utopia e seus sentidos, esta comunicação é motivada pelo espírito interdisciplinar mais recente que se observa na agenda dos estudos sobre o tema.

Se pensarmos na maneira radical com que os fenômenos da práxis lingüística colocam-se como verdadeiros entraves para as utopias lingüísticas clássicas e atuais (como as teses em torno do referencialismo, da competência lingüística inata, da literalidade, do universalismo lingüístico, dos dialetos perfeitos, das línguas fabricadas para uma comunicação eficaz, como o esperanto, da tradução automática, dos artefatos computacionais criados para linguagem artificial, etc.), poderíamos pensar neles como elementos distópicos, ou já seriam eles, em si mesmos, verdadeiras (anti)utopias? Em que medida essas questões dialogam com outra, que afirma que uma língua (ou melhor, a descrição e a análise da língua) será sempre uma utopia (cf. Marrone, 2004)?

Poderia a língua fugir do fundo utópico? É a língua um tema dos utopistas, já que toda teoria da língua guarda um fundo utópico e, não raramente, um ideal de língua? Nesse sentido, deixaria todo gramático, todo lingüista de ser, em certa medida, um utopista, ou mesmo um formulador de utopia?

Entre o mundo ideal da linguagem adâmica (perfeita, derivada de uma lógica apriorística que nela encontra lugar) e o mundo ideal da linguagem possível (imperfeita, dotada de uma lógica derivada do uso efetivo da língua) trafegam, ambivalentes, as formulações lingüísticas utópicas<sup>1</sup>, entre elas, aquelas atinentes às afasias, foco de nossa reflexão nesta comunicação.

As afasias, alterações de linguagem oral e ou escrita que decorrem de afecções cerebrais mais ou menos circunscritas, enquanto entidades nosológicas, em geral se estabelecem na vida do sujeito cronicamente, como sintoma da existência de uma lesão no cérebro. Até a hora atual, ela não pode ser curada no sentido que se dá à erradicação de uma doença (por ato cirúrgico ou administração de medicamentos, por exemplo). O sujeito afásico convive, pois, a um só tempo, com a história de sua relação com a linguagem pré-mórbida, e com uma afasia de diferentes graus de severidade e diferentes características lingüísticas que chega após o comprometimento neurológico.

No campo dos estudos sobre as afasias é vigente ainda, de um modo ou de outro, uma concepção ideal de língua (ou um ideal de língua), e isso certamente tem a ver com o logocentrismo que marca a tradição cultural ocidental. Lembremos, a propósito, que em 1875, Legroux definia a afasia como a “perversão da faculdade normal de exprimir ou compreender as idéias pelos signos convencionais”.

Não é à toa que a perda da linguagem é um dos piores males de nossa época. Nada pior para uma visão utópica de língua que se deparar com seu “espelho roto e deformado”, para lembrarmos uma expressão de Jorge Luís Borges.

<sup>1</sup> Em seu texto *La ricerca della lingua perfetta*, Umberto Eco aborda as teses, algumas tidas como científicas e outras nem tanto, que a tradição ocidental construiu em torno da idéia de uma linguagem universal e de uma língua-origem. Perfilam em suas reflexões vários exemplos, como a “pansemiótica cabalística” (o dialeto dantesco na obra *De vulgari eloquentia*, escrita nos primeiros anos do século XIV), o sonho iluminista de uma língua filosófica ou científica – pura e lógica – que seria diferente das línguas ordinárias (nos termos de Rousseau em *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*), ou ainda o esperanto, a utopia babilônica, a Neolíngua de George Orwell na obra “1984” (1953), a *Gramática de Port-Royal* do século XVII e os neo-gramáticos do século XIX, todos organizados em torno da tese de uma língua mãe-original, de uma língua indo-européia utópica ou de uma língua universal que enxerga apenas catástrofe, desgraça e confusão na diversidade lingüística (mas esta idéia, de todo modo, cumpre lembrar, vem mudando).

É precisamente sobre este tipo bastante particular de perda ou alteração da linguagem oral e/ou escrita que falamos nesta comunicação: a afasia, que afeta em variados graus de severidade, tanto a produção, quanto a compreensão da linguagem, e que decorre de lesões mais ou menos circunscritas no SNC, adquiridas em função, sobretudo, de acidentes vasculares cerebrais (outras distopias...).

Do ponto de vista da Neurologia, o afásico – aquele que tem ou manifesta uma afasia – é um sobrevivente. A afasia – seja qual for seu grau de severidade ou quais forem suas características neurolingüísticas – implica ou impõe sempre outras formas de relação do sujeito com sua linguagem, com o outro, com o mundo. A afasia, desse modo, deixa de ser simplesmente uma questão lingüística, uma questão neuro-cognitiva. Ela se torna uma questão social. Tal como assinalamos em outro trabalho (Morato, 2000),

o estudo do caráter patológico da linguagem, como bem notou Porter (1993), começou não à toa com as afasias, considerada a menos somática das patologias da linguagem, o que acabou conferindo uma orientação organicista e psicológica à questão do *pathos*.

O uso do termo *pathos* na semiologia clínica perde a idéia de afecção (qualidade de substância, ou “qualidade do ser de poder ser alterado”, cf. Meyer, 1991/1994) ou de introdução de um algo novo na significação para identificar o *pathos* na/da linguagem apenas como infortúnio, sofrimento, excesso, distúrbio, desvio, erro, extravagância, excrescência. O *pathos* se torna algo que – não devendo pertencer ao homem – deve ser diagnosticado, curado, erradicado.

No ambiente descritivista e classificatório herdado das ciências naturais, acabou por fugir aos primeiros estudiosos das afasias que o termo *pathos* (como em *patologia* ou em *patológico*) não quer dizer apenas (um discurso sobre) doença, distúrbio, desequilíbrio; ele também veicula sentidos constitutivos de inumeráveis práticas simbólicas humanas: emoção, temor, paixão, empatia, narrativa, comoção, mobilidade afetiva.

No que interessa à Lingüística, a afasia tem sido definida como a “perda da capacidade de realizar operações metalingüísticas” (cf. Jakobson, 1956/1981). Esta perda diria respeito, mais precisamente, à perda de uma suposta competência lingüística natural e homogênea. Além de inata, despojada das condições de apropriação social da língua, ou precisamente por isso, essa competência é infensa à “qualquer idéia de expropriação”, pois se trata de uma faculdade, “uma dotação mental” (cf. Bourdieu, 1982/1998, p. 42). Em sua discussão sobre os conceitos de competência e de língua legítima (analisada por Morato e Bentes em texto de 2002, publicado na revista *Horizontes*), Bourdieu destaca os mecanismos pelos quais a língua natural se transforma em língua legítima e critica a definição chomskiana de competência enquanto uma faculdade inata de que os seres humanos seriam biologicamente dotados e da qual simplesmente não podem escapar (por serem inconscientes dela). A crítica que Bourdieu faz a Chomsky em tom de denúncia afirma que se “escamoteia” na teoria gerativista a condição sócio-política da transformação da língua natural em língua legítima<sup>2</sup>.

<sup>2</sup> Tomemos, a propósito, a seguinte passagem de Bourdieu, na qual o autor procura especificar suas críticas à noção chomskiana de competência: “A competência suficiente para produzir frases suscetíveis de serem compreendidas pode ser inteiramente insuficiente para produzir frases suscetíveis de serem escutadas, frases aptas a serem reconhecidas como admissíveis em quaisquer situações nas quais se pode falar (...) Os locutores desprovidos de competência legítima se encontram de fato excluídos dos universos sociais onde ela é exigida, ou então, se vêem condenados ao silêncio. Por conseguinte, o que é raro não é a capacidade de falar, inscrita no patrimônio, universal e, portanto, essencialmente não distintiva, mas sim a competência necessária para falar a língua legítima que, por depender do patrimônio social, retraduz distinções sociais na lógica propriamente simbólica dos desvios diferenciais ou, numa palavra, da distinção” (1998, p. 42).

Lembrando que a competência relativamente à linguagem tem sido analisada sob outras perspectivas no campo da Lingüística, partindo da premissa de que ela – a competência – sendo um conceito normativo, é antes uma prática do que uma faculdade, Morato e Bentes afirmam:

Ainda que os estudos psicolingüísticos de cunho gerativista tenham "comprovado" uma habilidade natural para a linguagem nos seres humanos, não se pode prognosticar à hora atual qualquer acordo entre os lingüistas sobre os princípios gerais que descrevem essa capacidade. Além disso, como muitos autores têm apontado a partir das críticas iniciais feitas por Dell Hymes, questões de ordem prática se impõem aos gerativistas. Dentre elas, podemos citar questões de variação lingüística ou a ausência de respostas convincentes à questão da aprendizagem, que é abandonada a uma tese evolucionista muito geral que não consegue dar conta da variedade das performances observadas" (cf. Ogien, 2001). Também podemos citar a dificuldade de se fazer com que um programa de tradução automática - potencialmente universal - derive de uma gramática universal.

<sup>3</sup> Nessa perspectiva *grosso modo* é a práxis social que modula e organiza simbolicamente nossa experiência lingüístico-cognitiva, de modo a circunscrever nossa cognição não como um antecedente de nossa atividade interacional ou interpretativa sobre o mundo, mas como derivada dela.

<sup>4</sup> Ao apresentar em seu livro *O nascimento da clínica* (1977) as características da clínica nos séculos XVIII e XIX, Foucault afirma que ela não surge propriamente como um instrumento para descobrir uma verdade ainda desconhecida; ela é, na realidade, uma maneira de dispor da verdade já adquirida e absorvida pela tradição cultural dominante. É, nesse sentido, uma espécie de "teatro nosológico" que está em questão na composição do diagnóstico. Um teatro cujo desfecho o estudante de Medicina desconhece de início.

<sup>5</sup> Vejamos a maneira pela qual Broca descrevia seu paciente: "Ele compreendia tudo o que lhe diziam; ele tinha mesmo a orelha muito fina. Mas seja qual fosse a pergunta que lhe dirigiam, ele respondia sempre 'tan tan', fazendo os mais variados gestos a partir dos quais ele conseguia exprimir a maior parte de suas idéias. Quando seus interlocutores não compreendiam sua mímica, ele ficava imediatamente em cólera, e juntava a seu vocabulário uma palavra de baixo calão, uma só, e precisamente. Tan passava por egoísta, vingativo, mau, e seus amigos, que o detestavam, o acusavam até de ser ladrão" (Broca, 1864, p. 75).

O estudo da afasia pode nos remeter, pois, tanto a um ideal de língua (a utopia), quanto a uma crítica a ela. As teorizações sobre a afasia não deixam, assim, de revelar uma ambivalência importante, seja no campo das Ciências Médicas, seja no campo da Lingüística. Esta ambivalência se exhibe quando estes campos se reportam seja a uma espécie de nostalgia da língua perfeita, o *Eldorado lingüístico*; seja à crítica às utopias desligadas do mundo empiricamente concreto – que no campo lingüístico seria representada pelas abordagens não-internalistas da linguagem e da mente (chamadas por muitos lingüistas, como Salomão (1999), Marcuschi (2003), Morato (2004), Koch (2004), dentre outros, de perspectiva sócio-cognitiva)<sup>3</sup>.

De modo mais ou menos implícito, a afasia tem estado no centro de uma verdadeira querela conceitual (e diagnóstica) desde que passou a integrar, a partir do século XIX, o quadro semiológico (na verdade, "sintomatológico")<sup>4</sup> das patologias de linguagem decorrentes de lesão cerebral adquirida (com isso, não seriam afasia os problemas de linguagem decorrentes ou associados a outras entidades nosológicas, como a amnésia, a des-razão, etc.). Aliás, cumpre lembrar, quanto a este ponto, que praticamente toda a semiologia afasiológica (o "teatro nosológico", nos termos de Foucault, 1963/1977) é prenhe de elementos potencialmente utópicos: anomia, agramatismo, parafasia, confabulação, etc.

Em 1861, o médico e anatomista francês Paul Broca apresenta em um congresso médico um manuscrito no qual define, por meio da descrição de um caso clínico, o que viria a ser cunhado (não por ele, na verdade) como *afasia*, uma perda isolada da linguagem articulada em decorrência de lesão cerebral adquirida<sup>5</sup>. Com isso, isto é, com o estudo da afecção da linguagem, esta não se encontra mais "invisível" para os médicos e os cientistas do século XIX: a afecção da linguagem, ou seu sintoma - a função normal perdida - permitiu que a linguagem passasse a ter uma sede corpórea ou uma realidade material sendo, finalmente (assim como já ocorrera com a memória, por exemplo), localizada mais especificamente nas áreas frontais

do cérebro – o lugar ontológico antes reservado à mente – ao pé da terceira circunvolução frontal esquerda, também chamada... área de Broca.

Mais do que descrever as circunstâncias de produção da doença, a questão posta na ocasião era: qual o melhor termo para designar a alteração supostamente isolada da linguagem articulada (um ideal nosológico, por sua vez)? Broca tentou, em 1861, nomear a doença que descrevia a partir da observação de seu famoso paciente Tan Tan como Afemia (e vale lembrar que muito desse caso clínico com o qual se inicia a Afasiologia era totalmente utópico no sentido corrente de utopia, posto que o problema de linguagem era provavelmente o menor dos males de Leborgne – o Tan Tan – amputado e havia mais de 20 anos já institucionalizado no hospital Bicêtre, de Paris).

Porém, *Afemia*, além de inadequado em relação à etimologia grega, poderia ter vários sentidos; entre outros, o de má reputação ou de infâmia. O termo *Alalia*, por sua vez, foi recusado por aludir exclusivamente à perda da voz ou à alteração do aparato fonatório, e não propriamente da articulação de palavras e idéias, o que era o caso da doença descrita por Broca. *Afrasia*, por seu turno, foi um termo recusado pelos antigos afasiólogos pelo fato de que, entre outros motivos de ordem formal, a afecção então em vias de ser nomeada se impunha, sobretudo, sobre a *palavra*, então unidade de análise da linguagem.

O termo que melhor se ajustou à descrição de Broca foi *Afasia*, proposto pelo jovem médico Armand Trousseau, em 1864, e finalmente acatado pelo mestre e por toda a comunidade científica, até os dias de hoje. Como observa Dechambre (1877), Trousseau acreditava que havia fabricado um neologismo, mas o fato é que o termo *Afasia* tem origem bem antiga, sendo encontrado pelo menos duas vezes em Homero, significando mutismo passageiro resultante de uma forte comoção moral. Eurípedes e Platão, dentre outros, também fizeram uso do termo. No mundo clássico, como se observa, a idéia de afasia não era ligada à idéia de doença, propriamente; era ligada à idéia de retórica, à idéia de *logos*, à idéia de *pathos*, não apenas de realização motora da fala ou do pensamento que não se materializa.

Na prática médica tradicional, desde o século XIX, a nomeação da doença tem servido de guia aos procedimentos clínicos e diagnósticos que buscam equivaler sintoma e déficit lingüístico (afinal, como supõe o ditado, “uma doença nomeada é uma doença quase curada”); a nomeação busca, sobretudo, a verdade (isto é, a essência) da doença ocultada sob o fato clínico (cf. Foucault, 1963/1977). Este raciocínio é semelhante àquele que leva em consideração que inúmeras descobertas geográficas foram feitas por aventureiros que procuravam o país do ouro, um “não-lugar”. Contudo, poderíamos perguntar, com Lanteri-Laura (1986): seria então o caso de “registrar em nossas cartas geográficas o Eldorado”? Neste caso, a ilusão é proporcional à redução necessária para o diagnóstico, posto que o nome é resultado de “uma operação lógica que permite sintetizar sintomas, transformando-os em doenças”. Neste caso, não existe método ou cura antes da nomeação da doença. Se “nomear é conhecer, o ato de nomeação da doença pressupõe todo o Eldorado” (Rajer, 2009).



As querelas conceituais, semiológicas e diagnósticas operam, de um lado, com aquilo que Foucault (1970/1995) chamou de “vontades de verdade” de uma época ou de um metadiscurso; de outro lado, o que nos parece ser mais ainda mais complexo, derivam, ainda que não de maneira explícita, um jogo epistemológico que pendula entre as formulações lingüísticas classicamente utópicas (tomando-se o sentido corrente de utopia como “aquilo que poderia ser”) e uma crítica a elas, ancorada num domínio empírico – qual seja, o das práticas lingüísticas ordinárias – que nos lembram que de um modo ou de outro estamos sempre mergulhados num estado de afasia, como afirma Freud, autor de uma tese de doutorado, de 1891, intitulada precisamente “A interpretação das afasias”<sup>6</sup>.

De maneira extremamente sucinta temos, de um lado, na abordagem lingüística do fenômeno afásico, teorizações fortemente inatistas ou fortemente estruturalistas (baseadas em antinomias clássicas como normal *versus* patológico, produção *versus* compreensão, sensorial *versus* motor, linguagem *versus* pensamento). Remontando ao sentido corrente de utopia, o que se lastima aqui na perda da linguagem são as propriedades lógico-perceptivas de uma língua encerrada em si mesma (este “tesouro depositado na mente das pessoas”, nos termos de Saussure, 1916/1981). Aqui, as afasias são definidas comumente em termos de uma perda ou alteração da capacidade de realizar operações metalingüísticas (Jakobson, 1954/1981); portanto, da capacidade de representar ou fazer corresponder (e corresponder perfeitamente) as referências da realidade com as categorias da língua que a localizam e permitem que as estampemos como traços em nossas mentes.

Esta posição tende a ser despojada da preocupação com aspectos sócio-culturais atinentes à linguagem e processos afeitos a ela. Como o que é perfeito não pode ser transformado, o afásico jamais poderá recuperar este estado supostamente ideal dos modos de existência da língua preconizados por essas teorizações.

Por outro lado, temos teorizações de cunho fortemente pragmaticista ou interacionista sobre as afasias, que estabelecem um quadro relacional entre o normal e o patológico e que admitem que o estado da linguagem no contexto da afasia constitui um mundo possível de linguagem e de comunicação (prenhe, por sua vez, de vários elementos ditos afásicos: neologismos, repetições, frases incompletas, pausas, titubeios, hesitações, lapsos, digressões, perífrases, dêiticos verbais e não-verbais, circunlóquios, anacolutos, ambigüidades, semioses não-verbais, reformulações constantes, etc.). Negligenciada ou subtraída das concepções idealizadas da linguagem, aqui a possibilidade de o afásico vivenciar características da língua possível (a linguagem pré-mórbida) ocupa o lugar utópico reservado às primeiras teorizações. No caso das afasias, o Eldorado lingüístico passa a ser não mais e apenas a língua-teoria, mas a experiência lingüística do estado pré-mórbido. O movimento utópico que se deixa vislumbrar aqui diz respeito à maneira como se concebe a relação entre aquela língua afetada pela afasia e aquela língua anterior a ela, também esta uma “langue introuvable”.

Em que reside, pois, a dimensão utópica derivada das segundas

<sup>6</sup> A propósito, segundo Verdiglione, num prefácio à obra de Freud (1891/1977), a questão da afasia é para este bem mais subversiva que a descoberta nela, por parte de Jakobson, dos princípios da normalidade. Trata-se da “constatação do alcance da afasia o fato de que algo nos escapa”. Para Freud, cumpre lembrar, estudar a afasia representou estudar uma porta de acesso para o inconsciente e para a constatação de um estado afásico permanente e constitutivo da linguagem normal.

teorizações mencionadas anteriormente? Diríamos que na idéia de comunicação não perfeita, mas possível, situação em que é preciso entrever não uma ruptura, e sim uma continuidade entre o normal e o patológico, entre o *pathos* associado à afasia e o *pathos* constitutivo da condição humana; situação em que é preciso deslocar a idéia de competência lingüística chomskiana, tomada como faculdade mental inata, infensa às condições materiais de vida em sociedade, em direção à idéia de uma competência relativamente à linguagem de ordem pragmática que vê a capacidade lingüística como resultante de práticas sócio-cognitivas. A dimensão utópica de que se fala aqui é, então, um projeto de entendimento da língua e suas circunstâncias, que parte de projeto de entendimento dos regimes simbólicos das ações humanas como “projetantes”, e não apenas como racionais ou “sapiens”.

Se identificarmos a afasia não com a perda de um “*constructo* ideal incontaminado pela realidade” (afetada pela corporalidade da lesão cerebral), mas sim com uma dimensão empírica da qual o homem e suas circunstâncias não estão removidos, ela – a teorização sobre a afasia – não dialogará mais com as utopias derivadas de proposições abstratas (de maneira semelhante ao realizado pelas distopias, cf. Berriel, 2009), mas sim com as experiências humanas concretas<sup>7</sup>. Afinal, a linguagem a ser “recuperada” pelos afásicos após os comprometimentos derivados da lesão cerebral em geral é aquela que emerge não apesar da afasia, mas em sua presença.

Longe de dialogarem apenas com as concepções utópicas de linguagem, esta espécie de “Eldorado”, o estudo de processos lingüístico-interacionais das afasias (e não meramente os lingüísticos *stricto sensu*) ajudamos a formular perspectivas em que a língua não se encontra descarnada e disjuntada das relações entre linguagem, sujeito e tramas sociais.

O enfoque do estudo da linguagem em situações de uso, em contexto, em práticas discursivas reais, contudo, não deixa de assinalar – como um metadiscorso escatológico/utópico internalizado – o maravilhamento e o espanto dos sujeitos, pesquisadores e afásicos, frente à experiência humana radical que a linguagem sempre implica. Apenas como exemplos-emblema disso, tomemos duas falas de afásicos, quando confrontados com suas dificuldades lingüísticas. O primeiro, um senhor que de profissão era motorista, disse à pesquisadora, quando instado a interpretar um provérbio: “O sentido é para além daquilo que interessa agora, né, mas eu não sei explicar”. Outro, um senhor que de profissão era balaieiro, frente a seu problema de evocação verbal, pergunta, sinceramente intrigado, à sua interlocutora: “Por que, heim, por que as palavras não caem mais do céu?”

Se a “utopia pode também ser considerada como a procura de compensação para algo que está faltando e se busca tenazmente, tanto em termos sociais, quanto pessoais” (Fortunati, 2009), ao que parece, ela não se deixa dizer em linguagem apenas (meta)teórica. Pelo contrário, a utopia – ou o pensamento utópico enquanto crítica e projeto de realidade – se exhibe na reposição justamente dos elementos tidos como heteróclitos na fundação da Lingüística como ciência: os sujeitos, a qualidade de suas interações, suas rotinas significativas situadas local e historicamente.

<sup>7</sup> Quando se fala em “recuperação da linguagem” no contexto das afasias, o que se recupera? A despeito da evidência empírica representada pela plasticidade cerebral, e o fato de que em boa medida os afásicos podem recuperar parcialmente os padrões de linguagem pré-comprometimento cerebral, certamente ele não há de recuperar a língua idealizada das primeiras teorizações, evocadas nos testes-padrão e baterias diagnósticas metalingüísticas.

**Bibliografia**

- BERLINCK, M. T. *Psicopatologia fundamental* São Paulo: Escuta, 2000.
- BERRIEL, C. E. *U-TOPOS. Centro de Estudos sobre utopia*. IEL. 2009 (www.iel.unicamp.br)
- BOURDIEU, P. (1998). *A economia das trocas lingüísticas. O que falar quer dizer*. São Paulo: EDUSP.(original de 1982).
- DECHAMBRE, A. *Dictionnaire encyclopédique des sciences médicales*. Paris: G. Masson, volume V. 1877, 3ª série.
- ECO, U. *A busca da língua perfeita na cultura européia*. Bauru: EDUSC/ Editora da Universidade do Sagrado Coração, 2001.
- ELING, P. (Ed.). *Reader in the history of aphasia*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1984.
- FOREST, D. *Histoire des aphasies. Une anatomie de l'expression*. Paris: PUF, 2005.
- FORTUNATI, V. [http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp\\_hoje/ju/junho2009/capa431.php](http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/junho2009/capa431.php)
- FOUCAULT, M. *Doença mental e psicologia*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975. (original de 1954)
- FOUCAULT, M. *O nascimento da clínica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977. (original de 1963)
- FREUD, S. *A interpretação das afasias*. Lisboa: Edições 70, 1972 (original de 1891).
- HÉCAEN, H.; DUBOIS, J. *La naissance de la Neuropsychologie du Langage (1825- 1865)*. Paris: Flammarion, 1969.
- JAKOBSON, R. *Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. Lingüística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1981 (original de 1954).
- KOCH, I. G. V. *Introdução à lingüística textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004
- LANTERI-LAURA, G. "O empirismo e a semiologia Psiquiátrica". In: *A querela dos diagnósticos*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1989.
- MARCUSCHI, L. A. "Do código para a cognição: o processo referencial como atividade cognitiva". In: *Veredas* 13, 2003, p. 43-62.
- MARRONE, C. *Le lingue utopiche*. Viterbo: Nuovi Equilibri, 2004.
- MEYER, M. *O filósofo e as paixões. Esboço de uma história da natureza humana*. Porto: Ed. Asa, 1994. (original de 1991).
- MORATO, E. M. *As querelas da semiologia das afasias*. Inédito. 2009.
- MORATO, E. M. "O interacionismo no campo lingüístico". In: MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Anna Christina (orgs.). *Introdução à Lingüística. Fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2004, p. 311-351.



- MORATO, E.M. & BENTES, A.C. “Das intervenções de Bourdieu no campo da lingüística: reflexões sobre competência e língua legítima”. In: *Horizontes* 20, 2002, p. 31-48.
- MORATO, E.M. & BENTES, A.C. “As afasias entre o normal e o patológico: da questão neuro(lingüística) à questão social”. In: LOPES, F. & MOURA (orgs.). *Direito à fala. A questão do preconceito lingüístico*. Florianópolis: Insular, 2000.
- PORTER, R. “Expressando sua enfermidade’: a linguagem da doença na Inglaterra georgiana”. In: BURKE, Peter & PORTER, Roy (orgs.). *Linguagem, indivíduo e sociedade*. São Paulo: Editora da UNESP, 1994 (original de 1991).
- RAJER, F. “A anomia e sua realidade semiológica”. Dissertação de Mestrado. IEL. Campinas: Unicamp, 2009.
- SALOMÃO, M. M. “A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem”. In: *Veredas* 3(1), 1999, p. 61-79.
- SAUSSURE, F. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 1981. (original de 1916).
- TOURNON, André. “Ce qui devrait se dire en utopien”. In: *Croisements culturels*. Michigan Romance Studies, VII, 1987.

